



Jornal Musical

Órgão Oficial do Sindicato dos
Músicos do Estado do Rio de Janeiro

Nº 31 - Edição de Abril a Junho de 2006

www.sindmusi.org.br
email: sindmusi@sindmusi.org.br

Músicos rumo ao Congresso Nacional

Deputados e músicos debatem a criação da Frente Parlamentar



Reunião teve como objetivo a formação de uma Frente Parlamentar Pró-Música, de caráter suprapartidário, no Congresso Nacional. *Pag 4*



FESTIVAL BRASIL-DINAMARCA

5

Músicos brasileiros e dinamarqueses celebram a edição 2006 do festival com diferentes temperos.

Crítica/Livro: Sérgio Cabral comenta livro de Iberê

7



“Agradeço profundamente a autora, Valdinha de Melo Barbosa, que escreveu uma das biografias mais encantadoras que li nos últimos anos”.



Enfim a nova diretoria toma formato, se encaixa e como uma máquina com as peças devidamente unidas o trabalho flui.

O desafio de levar adiante um sindicato já maduro que em 2007 completa seus 100 anos, deve ser encarado com seriedade e responsabilidade. Junto com problemas já antigos, e lutas definitivamente constantes, existe a necessidade de se manter sempre em marcha para receber, acolher e buscar soluções para novas questões que surgem no dia a dia da vida musical.

O embate diário da nova diretoria só não é mais penoso graças às antigas gestões que com determinação deixaram uma casa limpa, arejada e organizada. Não é difícil de compreender que conseqüentemente encontramos na casa funcioná-rios igualmente responsáveis e dedicados.

Assim sendo, e já com as mangas arregaçadas, preparamo-nos para encarar uma Reforma Sindical que não nos propicia positivamente, trazer melhores condições de trabalho para a categoria, conquistar espaços, ir de encontro ao poder público e fazê-lo compreender que música é questão de Estado, levar ao poder público propostas de modificações e de novas leis, apoiar e incentivar novos eventos culturais e educacionais, insistir que “educação musical nas escolas” é investir num país melhor, lutar até onde não der para que se criem mais orquestras e não o contrário, enfim, buscar sempre para a música e para os músicos o que é merecido e infelizmente negligenciado.

Porém, nossa preocupação e esforço não fazem sentido enquanto todo este trabalho estiver focado numa categoria que não se enxerga como trabalhador.

A conscientização da classe é para nós o mais importante e sem ela nossa existência se faz supérflua.

Lidamos com a música como profissão e não como dom ou passatempo ou hobby. Acreditamos que a existência de um sindicato é essencial e é por isso esta diretoria lhes dedica com afinco o nosso precioso tempo em busca de dias melhores.

Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro

ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

A Presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, convoca os músicos profissionais para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada em sua sede à Rua Álvaro Alvim, 24 - Grupos 401/405, nesta cidade, às 14:30 horas do dia 26 de abril de 2006, em primeira convocação. Caso não haja número legal de presentes, será feita segunda convocação às 15:00 horas, observando-se os artigos 43 letra “a” e 38 letra “f”, do Estatuto, para deliberação sobre a seguinte ORDEM DO DIA: 1). Tabela de Cachês Mínimos. Rio de Janeiro, 08 de março de 2006. DÉBORAH CHEYNE PRATES - Presidente.

Tabela de Cachês Mínimos para Músicos Autônomos

(Valores em Reais - a partir de 14/04/05)
Músicos contratados no Rio de Janeiro receberão cachês estabelecidos na tabela do SindMusi/RJ

Tabela completa

Gravações

CD	
Por Período	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 500,04
Instrumentista/ Corista/ Ritmista por período	R\$ 166,68
Dobra 01 período	R\$ 166,68
Solo 10 períodos	R\$ 1.666,80

Por Faixa	
Faixa (Instr./ Corista/ Ritmista) ...	R\$ 500,04
Dobra	R\$ 166,68
Solo	R\$ 1.666,80

Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h30m. Hora excedente ou fração.
..... R\$ 166,68

DVD	
Por Faixa	R\$ 500,04

Obs: Caso o material gravado para o DVD se converta em CD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD.

Arranjo	
Por arranjo	R\$ 1.166,76
Por Regência	R\$ 1.166,76
Cópias - Garantia mínima	
550 compassos	R\$ 222,24
Por compasso	R\$ 0,44

Jingle ou Vinheta	
Por Período	
Chamada mínima 02 períodos	R\$ 555,60
Peça até 1 minuto período	R\$ 277,80
Dobra	R\$ 277,80
Solo 10 períodos	R\$ 2.778,00

Faixa	
Cada faixa	R\$ 555,60
Cada Dobra	R\$ 277,80
Solo	R\$ 2.778,00

Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h. Hora excedente ou fração.
..... R\$ 277,80

Filmes	
Trilha sonora para longa metragem ou entretenimento além de 60 min. (onde se desobrigue música ao vivo)	
Por Período	
Trilha para filme nacional	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 1.100,09
Período	R\$ 366,70

Normas de gravação

1. O tempo de trabalho começa a ser contado a partir do momento em que o músico estiver à disposição do contratante.
2. Na gravação por período, o primeiro período é de 60 (sessenta) minutos e os subseqüentes, de 45 (quarenta e cinco) minutos.
3. Dobra é a execução da mesma partitura com o mesmo instrumento mais que uma vez.
4. Cada troca de instrumento corresponde a uma nova chamada mínima ou faixa.

Trilha para filme internacional	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 1.500,12
Período	R\$ 500,04

Obs: Esses valores não incluem lançamento da trilha em CD.

Tapes Especiais	
Teatro/ Historieta/ etc	
Por Período	R\$ 166,68

Apresentação ao vivo	
Acompanhamento de Artistas Nacionais	
Por show	R\$ 672,28
Por hora de ensaio	R\$ 222,24

Acompanhamento de Artistas Estrangeiros	
Por show	R\$ 833,40
Por hora de ensaio	R\$ 277,80

Obs: O valor do show inclui passagem de som (sound-check) de 3 horas. Após este tempo, paga-se hora extra de ensaio.

Concerto Sinfônico, Câmara, Balé, Ópera, Opereta e Congêneres	
Por Espetáculo	
Spalla	R\$ 466,70
Concertino/ 1a parte/ Solista	R\$ 444,48
Instrumentista/ Corista/ 2a parte	R\$ 400,03

Por hora de ensaio	
Spalla	R\$ 155,57
Concertino/ 1a parte/ Solista	R\$ 144,46
Instrumentista/ Corista/ 2a parte	R\$ 133,34

Obs: No caso de telejornalismo ou filmagem para posterior exibição da apresentação ao vivo, o cachê será pago em dobro.

Cachê de Televisão	
Chamada mínima de 05 horas	R\$ 672,28
Hora Excedente ou fração	R\$ 201,13

Baile	
Por baile	R\$ 277,80

Casamento	
Por cerimônia	R\$ 166,68

Aula Particular	
Hora/aula	R\$ 50,00

Expediente

SINDMUSI - Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro: Presidente: Déborah Cheyne • Vice-Presidente: Itamar Assiêre • Diretor Tesoureiro: Luis Carlos Hack • Diretor do Trabalho: Leandro Vasques • Diretor Secretário: José Augusto • Diretora do Patrimônio: Ariane Petri • Diretor Administrativo: Alan Magalhães • Diretor Social: Adil Tiscatti • Diretor de Comunicação: Kleber Vogel • Diretor de Informática: Flávio Pereira • Representante I: Carlos Malta • Representante II: Victor Neto • Conselho Fiscal: Carlos Soares, Mauro Ávila e Nayran Pessanha • Suplentes: Anselmo Mazzoni, Fabiano Krieger, Nando Gomes, Jair de Sousa, Fernando Merlino, Laura Rónai, Sonia Katz e Ubiratã Rodrigues • Quadro Funcional: Advogado: Helder Silveira • Escritório Contratado: José Carlos Quental e Maria Cristina Fraga • Auxiliares Administrativos: Alex Gomes Freire e Angelica Angelo • Serviços Gerais: Cosmo Araújo • Endereço: Rua Álvaro Alvim, 24/405 • Cinelândia • Rio de Janeiro - RJ • CEP: 20031-010 • Tel: (0xx21) 2532-1219 • Fax: (0xx21) 2240-1473 • homepage: www.sindmusi.org.br • email: sindmusi@sindmusi.org.br • Horário de Atendimento: 2ª a 6ª feira das 10 às 18h. • Delegacia Regional Serrana do SindMusi: Delegado: Alan Magalhães • Jornal Musical: Jornalista responsável: Kátia de Almeida Santos/ Reg. 16645 • Projeto Gráfico e Diagramação: Amarilio Bernard (by3@uol.com.br) • Fotolito e Impressão: Monitor Mercantil • Tiragem: 3.000 exemplares • Circulação: Rio de Janeiro.

As orquestras estão acabando?

Ernani Aguiar

“As orquestras estão acabando?!” A exclamação em forma de pergunta veio pelo telefone na voz de Ricardo Tacuchian, que à tarde havia sido eleito por unanimidade presidente da Academia Brasileira de Música. Comentávamos o boato da extinção da Orquestra da Unisinos no Rio Grande do Sul e o assassinato da “Sinfonia Cultural” em São Paulo. Logo após o telefonema escrevi um pequeno depoimento para Clóvis Marques, que no momento escreve um livro sobre a Sala Cecília Meireles. Terminado o depoimento, verifiquei que em apenas quinze linhas citara duas orquestras desaparecidas: a Orquestra de Câmara da Rádio MEC e a Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro. Em instantes eram já quatro conjuntos desaparecidos ou desaparecendo. Foi então que pensei em escrever estes comentários.

O problema das manutenção das orquestras, hoje em dia, não é só do Brasil, é mundial. O fim do regime comunista detonou centenas de conjuntos sinfônicos, de todos os tamanhos, em todos os países agora “livres”. Por outro lado, a crise financeira (da qual ouço falar há cinquenta anos) seria a causadora do fim ou da diminuição de integrantes de outros, agora, milhares de conjuntos do chamado “mundo livre” e “democrático”. Enfim, no mundo inteiro o mais importante complexo musical estaria acabando. Motivos, então vários; menos que estivesse diminuindo o número de músicos. Este é inaceitável.

Voltei vinte e três anos no tempo: abril de 1982. A convite de Edino Krieger aceitei coordenar o recém-criado Projeto “Orquestras” do Instituto Nacional de Música da Funarte. A partir de um levantamento surgiram duzentos e vinte (!) rótulos de orquestras sinfônicas e de câmara no território da República. Havia de tudo, inclusive últimas e heróicas orquestras de amadores, que foram o esteio da música orquestral brasileiro, seja como divulgadoras da música sinfônica, seja como formadoras de músicos desde o fim do Século XIX até o aparecimento do rádio, televisão, LPs, depois Cds e agora DVDs.

É verdade que o fazer musical amador existia devido à falta destas opções. Com o Cd, quem ainda sairia de casa para ouvir o conjunto orquestral da cidade, ou pior: ir participar de uma orquestra ruim, levando broncas do maestro, as vezes molhando-se na chuva e ainda pagando?

Mas, estas citadas últimas e heróicas lá estavam. Porém, no elenco das orquestras brasileiras, havia bom número de orquestras fantasmas, umas criadas para alimentar egos e fazer política e outras de

notória picaretagem para obtenção de dinheiro fácil. Deparamos com um grupo de “orquestras sinfônicas” em importante estado da Federação, distribuídas por várias cidades com bom movimento econômico, com um esquema sujo. Um pseudo-idealista e sua equipe, agrupavam músicos amadores ou jovens estudantes em



Ilustração: Amarílio Bernard

cada cidade, depois levavam uns trinta (mesmos) profissionais da capital e, criada a “orquestra sinfônica local”, davam em cada uma periódicos concertos, com quase o mesmo repertório em tais apresentações (geralmente batidíssimas aberturas, “intermezzos”, valsas e marchas). Resultado: o espertalhão e sua turma faturavam alto com verbas públicas e doações de particulares, os profissionais ganhavam um dinheirinho fácil e as cidades se iludiam de possuir orquestras sinfônicas. Bom golpe!

Um questionário organizado em companhia de Flávio Silva, com exigências que demonstrassem claramente o funcionário do conjunto, reduziu em 50% o número de entidades que mereciam respeito. Entre as exigências: no mínimo um ensaio semanal e doze concertos anuais. Foi complicado: muitos avisos de recebimento chegavam, mas os questionários nunca vinham. Uma rápida sindicância revelou muita verdade.

A Funarte, já nessa época, via minguar, ano a ano, sua dotação orçamentária. O organismo, antes poderoso, não mais interessava aos mandantes da Nação. Criado com a fachada de um mecenato maciço do governo federal para incentivar as

artes, nada mais era do que uma maneira de controle e censura por parte do regime. Com a ditadura caindo de podre, pouco importava a situação artística. Mesmo assim, a Fundação resistia, buscando alternativas, mas pouco se podia fazer e no caso da orquestras pouquíssimíssimo. Nossa filosofia, entretanto, buscava apoiar

mais as de caráter formador, pedagógicas, semi-profissionais ou seja as que realizavam um trabalho digno, longe dos grandes centros culturais ou ligadas a pequenas escolas de música sem fins lucrativos.

Foi a partir daí que passei a acompanhar o movimento orquestral brasileiro, mesmo depois de me afastar da Funarte, sempre informado das atuações, realizações, repertórios, etc. de dezenas de orquestras. Um “terremoto” aconteceu com o mal-fadado governo Collor, que não só fechou a Funarte, como sendo o governo mais “anticultura” que já aconteceu, levou ao encerramento das atividades de tantas sociedades mantenedoras de orquestras ou até mesmo algumas com amparo governamental de municípios ou estados. Lembro-me de uma faixa, única, no Rio de Janeiro, em uma das concentrações no dia do protesto, todo mundo de “luto” onde estava escrito “Devolvam nossas orquestras”. Eram alguns jovens músicos que a levavam. Mas aquela faixa me falou demais.

Collor passou, FHC passou, Lula entrou e a cada sopro de esperança seguiu-se uma piora. Hoje, há um temor, uma incerteza, uma insegurança total no que diz respeito ao futuro do movimento orques-

tral do Brasil. É mundial a situação? É. Mas nosso problema é o brasileiro, nele estamos envolvidos.

Entretanto há interesse em jovens serem músicos, há interesse em gente fazer música, há um estranho amor a essa causa estranha: a orquestra, independente do operato tão discutível da regência.

Em contraposição à extinção de várias orquestras, de cidades que deixaram de tê-las (e não eram as do “golpe”), restam raras entidades que até já transformaram suas finalidades de “orquestras de concerto” em orquestras de formação de músicos. Há, por exemplo, só em Minas Gerais, as recentes realizações com sucesso, de várias novas orquestras de jovens como a Orquestra de Câmara de Ouro Branco e a Orquestra Experimental da Universidade Federal de Ouro Preto. Há o movimento “Do aço ao clássico” em Volta Redonda, que além de bandas e coros já tem uma Orquestra de Cordas de Volta Redonda com sessenta instrumentistas e sessenta já é número para orquestra sinfônica de bom tamanho.

Detalhe sério: tudo fora de escolas de música de universidades. Há vinte anos, num artigo para “Textos e Contextos” (V.1, nº 2) da Funarte, afirmo que as orquestras formavam mais músicos que as universidades. Hoje é fato concreto que as escolas de música das universidades estão mais interessadas em teses e “reflexões” do que na formação de músicos. Estão formando mais inúteis “pensadores” e medíocres licenciados. Às favas os intelectuais da música e seus feudos. Vamos aos músicos!

É verdade que só com o que roubaram georginas, valérios, deputados, senadores, juizes, daria para formar e manter, por anos, tantas orquestras, sem prejuízos para a sempre citada “saúde” (“filantropia-santa-casa”, como já disse o ainda atual Mário de Andrade).

Nada entendo, nem tenho obrigação de entender, de captação de recursos e congêneres. Sou músico, só. Preocupa-me portanto, neste momento, apenas a sobrevivência dos conjuntos orquestrais e seus integrantes. E agora? “As orquestras estão acabando?!”

Obs.: O boato tornou-se fato, a orquestra de Unisinos de Rio Grande do Sul foi extinta em janeiro de 2006.

Ernani Aguiar

Compositor e Regente Titular da Academia Brasileira de Música, Professor de Regência Orquestral da UFRJ, Ex-Professor de Regência Orquestral da Uni-Rio

Músicos querem maior contato com Congresso

Incomodados com a ausência da música na agenda política do País, alguns músicos estão se organizando para ter uma maior articulação no Congresso.

Mês passado, um encontro na casa do compositor Francis Hime reuniu alguns deputados federais e músicos do recém criado Núcleo Independente de Músicos, a presidente do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro, Déborah Cheyne; o presidente da ABMI, Carlos de Andrade; o coordenador da Rede Social da Música, Egeu Laus; e um membro do Fórum Paulista Permanente de Músicos, Amilson Godoy. A idéia era conversar com os deputados sobre uma estratégia para a formação de uma Frente Parlamentar Pró-Música na Câmara, de caráter abrangente e suprapartidário.

Pelo lado dos políticos, estiveram presentes os Deputados Federais Chico Alencar (PSOL/RJ), Antonio Carlos Biscaia (PT/RJ), Gustavo Fruet (PSDB/PR) e José Eduardo Cardozo (PT/SP), além de um assessor do Deputado Fernando Gabeira (PV/RJ).

Em pouco mais de duas horas, conversou-se sobre uma estratégia de atuação no Congresso, além de ser feito um painel geral de alguns temas fundamentais para a categoria e de Projetos de Lei que estão tramitando no Congresso.

“Para que um povo se desenvolva, é preciso que ele seja culturalmente desenvolvido. O povo brasileiro só terá atitude se tiver cultura”, alerta Ivan Lins, um dos articuladores do movimento.

“É preciso aprofundar certas questões como o significado da música na identidade nacional, destacar a importância de políticas públicas para a música. Outro aspecto relevante é compilar todos os projetos sobre música em tramitação no Congresso, e acompanhá-los de perto”, analisa o Dep. Chico Alencar.

“A estratégia é criar um núcleo abrangente dentro do Congresso, capaz de dialogar com todos os setores da sociedade. Isso pode ser feito a partir da elaboração de seminários e de boletins informativos, que dêem visibilidade política à

Frente. Esta deve ser suprapartidária, de modo a influenciar inclusive o Executivo” - afirmou o deputado José Eduardo Cardozo.

A partir desta sugestão, foi preparado e já se encontra com os parlamentares um modelo de seminário para análise e aprovação. O seminário proposto será de dois dias e tem como objetivo ressaltar a importância da música na formação de cidadãos melhores, relacionando a música com a formação de uma identidade nacional,

bem como ferramenta de transformação e inclusão social. Não deixando de insistir em problemas já levantados pelo grupo, mas desta vez trazendo maior profundidade na abordagem de temas como monopolização e homogeneização da radiodifusão, diversidade cultural, a preservação da memória, internet, rádios e TVs digitais, pirataria, a movimentação financeira do mercado musical nacional e internacional, bem como aumentar a difusão e os lucros da música brasileira. É preciso selecionar os temas de forma a não

se perder foco nem atenção dos ouvintes. O seminário será apresentado por profissionais de capacidade reconhecida em cada área a ser abordada.

Além de fazer o levantamento proposto por Chico Alencar e a apresentação do seminário com o intuito de sensibilizar os deputados para a importância da música para o País, o grupo procura também atuar no Senado, onde a Comissão de Educação e Cultura existente abriga uma subcomissão de teatro e cinema, mas nenhuma de música. “Não tem porque nunca houve demanda”, explica o Secretário Geral da Comissão Julio Linhares. Uma comissão tem atribuições como propor e alterar projetos de Lei, convocar ministros e membros do executivo, pedir documentos que só tramitam no executivo, propor emendas de orçamento, entre outras.

Preocupados em mostrar que sim, há demanda, a letrista carioca Cristina Saraiva, membro do Núcleo Independente de Músicos, e a Presidente do Sindicato dos Músicos do RJ, Déborah Cheyne, estiveram em Brasília recentemente para uma reunião no Senado. A idéia é realizar uma nova reunião muito em breve, bem mais ampla, apresentando para os senadores um painel da atividade musical, explicando suas demandas e problemas e pleitear oficialmente a inclusão da música na subcomissão. Se a música ocupar um espaço nesta esfera, será um passo de amadurecimento e conquista política da categoria.

Nessa mesma viagem à Brasília, foi ainda reforçado o contato com os Deputados Federais, e fortaleceu-se a idéia da formação da Frente. Foi feito ainda contato com autores de Projetos de Lei de interesse para a classe, como o do PL, que reintroduz a música no currículo escolar, e o do Dep. Alceste Almeida do PTB de Roraima, para saber o estágio de tramitação dos Projetos e a possibilidade de acelerá-los.

No fundo, a briga do grupo é fundamentalmente por incluir a música em uma agenda política, e reforçar o canal entre a Sociedade Civil e o Poder Legislativo, ciente de que os avanços na legislação só virão com a mobilização e a participação daqueles que trabalham na área.



Em primeiro plano; Ivan Lins, Alexandre Negreiros e Deborah Cheyne



Dalmo Mota, Cristina Saraiva e Dep. Antonio Carlos Biscaia

Festival BRASIL - DINAMARCA

Iniciamos a temporada 2006 com o Festival Brasil-Dinamarca, evento que aconteceu no começo de janeiro deste ano. Os shows na Casa de Cultura Laura Alvim, no Camboinhas Mall e no SESC São Gonçalo foram bem diversificados e a cada espetáculo podíamos experimentar os diferentes temperos da Cozinha Musical com 15 músicos/cozinheiros que trabalhavam com criatividade e bom gosto. Um solo de liquidificador nos breques de um samba, ou ainda uma trilha sonora bem suave para o público ir ao palco saborear iguarias como o filé de arenque marinado com molho funky de pimenta e mostarda, mostrando



SESC Camboinhas
Carlos Malta e os dinamarqueses da Cozinha Musical

uma face curiosa entre as artes sonoras e culinárias. O músico Sofus Forsberg com seu lap-top tirava sons inimagináveis. Outra grande atração foi o sexteto de Benjamin Traerup, que trouxe o jazz nórdico, lírico e pulsante, contando com os excelentes Morten e Martin, baterista e pianista, de primeira qualidade. A original cantora e compositora Anna com seu quarteto, protagonizou momentos de uma suavidade ímpar, bem como o duo Soren & Bebe, tirando sons de objetos inusitados, trazendo uma arte minimalista e pop, mostraram as vá-

rias possibilidades e estilos, que mesmo fora do mercado comercial de música, encontram seu público em todas as partes do planeta. A participação dos brasileiros selou laços de irmandade e de muita cumplicidade.

Também abrilhantaram este Festival nosso querido Arthur Maia e o Pedro Luís que botou os Vikings cantando o rap do Real. Posso afirmar que a música derruba toda e



Apresentação do grupo Afro Reggae

qualquer barreira, levantando uma nova construção estética, a partir das diferentes culturas que produzem o som, e que realizam a verdadeira comunicação. E não pára por aí: em abril acontece o III Festival Internacional do Baterista Criativo, evento que conta com o apoio do Sindicato.

Carlos Malta
Diretor artístico do evento.



Casa da Cultura Laura Alvim
A cantora Anna e o saxofonista Benjamin Traerup



SESC São Gonçalo:
Carlos Malta e Arthur Maia -
Jam session internacional



Produto da música com a
culinária, feito no palco.



O cozinheiro e baterista Morten
com as crianças e o percussionista Bebe



Coral do Toca o Bode
(ONG de música em Santa Tereza)

Centenário SindMusi / Linha do Tempo

JK e a OMB

No dia 22 de dezembro de 1960 é publicada a Lei 3857 que regulamenta a profissão de músico, onde tem papel determinante o Presidente Juscelino Kubitschek. Menos de cinco meses antes, JK enviara ao Congresso Nacional a mensagem de nº 309, com o seguinte teor:

“Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional:

Tenho a honra de encaminhar à deliberação de Vossas Excelências,

acompanhado de exposição de motivos do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o Anteprojeto de Lei que dispõe sobre a criação da Ordem dos Músicos e da profissão de músico.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossas Excelências os protestos de minha alta estima e mais distinta consideração.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1959.
Juscelino Kubitschek.”



O Presidente Juscelino Kubitschek, tendo ao seu lado direito o Presidente da OMB, Maestro José Siqueira e ao esquerdo o professor Gentil Guedes, na cerimônia de inauguração da sede da Ordem dos Músicos do Brasil no Rio de Janeiro.

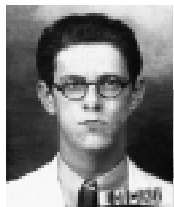


Nayran

Homenagem aos mestres

2006 é um ano marcante para o mundo da música. Teatros de vários países serão palco de homenagens aos 250 anos de nascimento de MOZART, aos 150 anos da morte de SCHUMANN e aos centenários de nascimento de SHOSTAKOVICH e RADAMÉS GNATTALI, isso sem deixar de mencionar os 90 anos da morte de MAX REGER, compositor, maestro e professor alemão, infelizmente pouco ou nada conhecido entre nós.

Comemorações a esses grandes mestres são mais que merecidas, haja visto as notícias que temos da Europa, onde tudo é programado com antecedência. E, por falar nisso, o SindMusi espera ouvir das orquestras do Rio de Janeiro uma boa retrospectiva da obra do nosso querido



Radamés Gnattali. Esse gaúcho de alma carioca nos legou uma obra primorosa e nos ensinou, com sua simplicidade, que a música não tem fronteiras, seja ela de concerto ou popular. Isso ele entendia como ninguém e realizou com mão de mestre.



Ficha de inscrição de Radamés Gnattali como sócio contribuinte no antigo Centro Musical do Rio, hoje SindMusi, no ano de 1936

Radamés Gnattali. Esse gaúcho de alma carioca nos legou uma obra primorosa e nos ensinou, com sua simplicidade, que a música não tem fronteiras, seja ela de concerto ou popular. Isso ele entendia como ninguém e realizou com mão de mestre.

*Mozart , o visitante
No meu sonho,
se você chegasse lá em casa,
seria recebido com Lacrimosa
a todo volume
e a vizinhança saberia que era você
chegando.
As crianças te adoram e se
você não sabe, já te ouvem no berço.
Aquela penúria que tantas vezes passou
é passado mesmo!
hoje você é rico,
rico de admiradores
de amigos.
Você traz felicidade,
felicidade que tantas vezes não teve.
- Entre, tome um café
e experimente esse licor que
leva seu nome.
Um amigo trouxe de Salszburg junto
com esses chocolates.
Você virou até marca de bombons
Meu caro amigo!*

“ Radamés merece nesse seu centenário uma grande festa nessa temporada de 2006. É nossa música, nossa cultura. ”

Adágio para Shostakovich

*Teu olhar míope
revelador de tristezas
ao mesmo tempo nos passa
a doçura da esperança.
Observador atento do sofrimento,
mestre das frases tocantes,
Você merece todos os bravos,
todos os finais de sinfonia.
Tuas harmonias inconfundíveis
estarão ecoando por todo o mundo
e você, certamente,
dará aquele sorriso escondido
que nunca vi nem
em fotografia.*

Coluna do Cacau

Cláudio Queiroz



Como poderia falar da situação do “músico instrumental” aqui na França?

Primeiro, comparando certos detalhes. Na França não existe o “conceito” de música instrumental, pelo menos como vemos a coisa no Brasil..

Entre instrumentistas e cantores, existe uma “co-habitação pacífica”. Há o jazz, a música clássica e a “varieté” (música popular).

No Brasil, se existe rivalidade, ela vem do fato de que, em geral, quando você canta, fica mais natural a comunicação e o público brasileiro é muito intuitivo e livre. Quero dizer que no Brasil quase todo mundo batuca em mesa e canta, sem a preocupação de estar fazendo certo ou errado (o que facilita a empatia com cantores e afins), enquanto a cultura geral que faz alguém tocar um instrumento é um ponto fraco do país, devido, entre outras coisas, à crônica falta de dinheiro do povo. Coisa que não seria um problema se nossos governantes tivessem um pouco mais de cultura geral, pois assim teríamos uma distribuição de renda um pouco menos vergonhosa do que a que conhecemos até agora.

Aqui na França, a coisa toma uma figura diferente por várias razões.

Sendo um dos países mais ricos do planeta (porém com uma distribuição de renda insuficiente, na minha opinião, mas muito mais justa do que na maioria dos países do mundo), aqui a educação escolar é de grande qualidade e acessível a todos, estimulando-se assim a cultura de um modo geral, o que favorece também o contato com instrumentos e com a música em geral.

So isso já é motivo suficiente para explicar a diferença de visão do “instrumental”.

Existe porém o problema universal da situação do “metier” atualmente, onde a moda é a utilização de sons eletrônicos e “DJs”, coisa que agora é aceita em toda parte como um ele-

mento novo de criação, o que verdadeiramente pode ser (embora em via de regra não seja...) mas prejudica muito nossa profissão, seja no Brasil, na França ou em qualquer outro lugar pois, em consequência disso, existem muito menos trabalhos disponíveis para o músico instrumentista. O resultado é que salas de espetáculos como o Lido, Moulin Rouge, Crazy Horse e outras, que tinham tradicionalmente orquestras, suprimiram as mesmas sem problema, assim como as televisões e os dancings.

Outra fonte de trabalho que deixou de existir por aqui são as empresas que davam festas no fim de ano com grupos musicais.

Acrescente-se o fato de que na França a profissão de músico é muito menos regulamentada que no Brasil. Um organismo como a Ordem dos Músicos por aqui não existe. O sindicato dos músicos foi durante anos vinculado ao partido comunista, afastando assim muita gente.

Então a defesa do músico é inexistente na teoria, mas, na prática, o trabalhador tem muito mais proteção governamental do que no Brasil ou no resto da Europa (proteção social, de saúde, seguro desemprego, etc) o que, no fim das contas, faz com que a situação do músico “instrumental” acabe sendo quase a mesma coisa num e noutro país.

Gostaria de terminar homenageando mais um grande músico que nos deixou este ano: o grande pianista, compositor e amigo Mozar Terra, com quem tive a honra de tocar muitas vezes aqui na Europa onde o conheci... O Brasil perdeu um pianista que tocava um piano verdadeiramente brasileiro e com pouquíssimas influências externas. Todos que conhecemos o Mozar vamos sentir falta do som, do humor vivo e daquele riso característico que vinha com ele.

OPORTUNIDADES

8º Concurso Nacional de Música IBEU 2006

Composição para Big-Band

Saxofones, trompetes, trombones, piano, contrabaixo e bateria

Inscrições até 15 de maio de 2006.

Com o objetivo de incentivar e divulgar a criação musical brasileira, o IBEU promove o 8º Concurso Nacional de Música, IBEU 2006 - Composição. As inscrições foram abertas em 10 de dezembro de 2005 e se encerram no dia 15 de maio de 2006 (ob-

servando-se a data de postagem do SEDEX). O concurso premiará três finalistas para Big-Band (conjunto de saxofones, trompetes, trombones, piano, contrabaixo e bateria), originais e inéditas.

O regulamento está disponível no site:

www.ibeu.org.br

SESC RIO

Inscrições abertas para o Festival de Inverno

O Sesc Rio de Janeiro está recebendo projetos para participação no Festival de Inverno SESC RIO 2006. Serão selecionados trabalhos de teatro adulto e infantil, circo, música instrumental e clássica (solo, duo ou trio), MPB (trabalhos cover e autoral), dança (clássica e contempo-

rânea) e artes plásticas.

O material deverá ser entregue na Unidade Teresópolis, de 3ª a 6ª feira, das 10h às 18h até 02 de maio de 2006.

Maiores informações no site

www.sescrj.com.br

Iberê Gomes Grosso – Um grande livro, um grande músico

por Sérgio Cabral

O primeiro convite foi para escrever uma crítica, mas respondi que preferia um comentário. Cheguei a pensar numa crônica, mas, depois de tanta hesitação, optei pela forma que considero mais apropriada e mais sincera: escrevo apenas um agradecimento aos responsáveis por essa maravilha de livro, que é Iberê Gomes Grosso.

Agradeço profundamente à autora, Valdinha de Melo Barbosa, que escreveu uma das biografias mais encantadoras que li nos últimos anos. Agradeço ao glorioso Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro, que marcou o seu renascimento político e cultural com o LP Homenagem (a Iberê Gomes Grosso, é claro), em 1979, e que agora banca a publicação do livro. Agradeço àqueles todos por quem Valdinha ficou grata, pela ajuda na elaboração da sua obra, e não posso deixar de agradecer à família Gomes, de Campinas, que nos deu alguns dos melhores músicos brasileiros, entre os quais o tio-avô de Iberê, o maestro Carlos Gomes, a quem o Brasil deve tanto, mas que foi tão maltratado por certos modernistas (Oswald de Andrade, à frente), vítimas da burrice de considerar que a existência de Villa-Lobos apagava da vida musical brasileira antigos personagens de muito talento como o autor de O Guarani.

O sentimento que me acompanhou na leitura do livro foi de frustração. Afinal, vi Iberê Gomes Grosso tocando no Teatro Municipal, estive perto dele em gravações de discos e, no entanto, nunca falei com ele, talvez temeroso de que não recebesse bem um jornalista tão vinculado à música popular. No entanto, lendo o relato de Valdinha, vejo que ele freqüentava os mesmos bares que eu e que, embora não falasse muito, adorava um bate-papo em torno de copos de chope. Afinal, tornei-me amigo de Radamés Gnattali, que também não falava muito e adorava um chope, por que não dele? Aliás, gosto muito de conviver com pessoas que falam pouco, mas tem bom humor, como era o caso de Iberê, quando se queixava do tamanho reduzido dos estúdios: “E o Brasil é tão grande, não é?” Ou quando não conseguia acomodar o violoncelo dentro do automóvel: “Na próxima encarnação, vou tocar flautim.” Ou ainda quando destinava a Paris o melhor elogio que podia fazer: “A primeira cidade do mundo é Campinas. A segunda é Paris.”

Bem, não quero fazer deste espaço um sofá de analista, até porque, depois de ler o livro, considero-me íntimo de Iberê e, se já o admirava muito, admiro-o ainda mais depois de conhecê-lo melhor como músico e como ser humano (não me canso de agradecer: obrigado, Valdinha). Tenho absoluta convicção - alguns dos seus pupilos

dizem mais ou menos isso - que, numa certa fase, o Brasil ganhou um número expressivo de violoncelistas graças a ele (daqui por diante - quem sabe? - também por causa do livro), pois se a música é uma manifestação muito bonita, mais bonita ainda ficava quando era executada por ele. A mesma coisa, por sinal, aconteceu no choro: eram poucos os bandolinistas até que aparecesse Jacob Bitencourt, assim como os raros tocadores de violão de sete cordas multiplicaram-se com a fama do nosso querido Dino. Por falar em Jacob, que eu achava o maior fumante que conheci, fumava tanto quanto Iberê, cinco a seis maços por dias. Já que entrei - é uma sina - na música popular, fico a imaginar agora que muito do nervosismo de Antônio Carlos Jobim regendo a orquestra da Rádio Nacional, que executava sua peça de concerto Lenda, no programa Quando os mestros se encontram, devia-se à presença de instrumentistas como Iberê Gomes Grosso, que Radamés Gnattali levou para a emissora na sua fundação.

Para terminar, recomendo o livro a todos que gostam de música. E confesso que pensarei muito mal do músico que me revelar que ainda não leu essa maravilhosa obra de Valdinha de Melo Barbosa, uma peça obrigatória para quem achar que, graças a figuras como Iberê Gomes Grosso, o Brasil tem jeito.



Onde encontrar:

Rio de Janeiro

SindMusi - Rua Álvaro Alvim, 24/405 Cinelândia / Tel.: (21) 2532-1219

Modern Sound - Rua Barata Ribeiro, 502D Copacabana / Tel.: (21) 2548-5005

Livraria da Casa de Rui Barbosa (Susanne Bach Com. de Livro Ltda) Rua São Clemente, 134 Parte - Botafogo Tel.: (21) 2226-6805

São Paulo

Revista Concerto - Rua João Álvares Soares, 1404 - Campo Belo / São Paulo-SP E-mail: concerto@uol.com.br ou info@lojaclassicos.com.br



CulturaPREV

O SindMusi é um dos primeiros Instituidores do CulturaPREV, do qual faz parte desde a criação do Plano. Um dos principais diferenciais do CulturaPREV é a transparência da gestão realizada pela Petros. Os investimentos realizados com os recursos do plano são acompanhados de perto pelo SindMusi, que tem representantes no Comitê Gestor do Plano, e pelos próprios participantes, que recebem extratos trimestralmente e também podem verificar o saldo acumulado Plano acessando o Portal da Petros na Internet.

O CulturaPREV surgiu a partir do Grupo de Trabalho criado pelo Ministério da

Plano de Previdência Complementar

Cultura (Portaria nº 186, de 14 julho de 2004), que, após uma criteriosa análise, escolheu a Fundação Petrobras de Seguridade Social - Petros para administrar o fundo de pensão dos trabalhadores da cultura.

Aprovado pela Secretaria de Previdência Complementar em outubro de 2004, o CulturaPREV é um plano de previdência destinado aos profissionais da cultura associados a diferentes sindicatos e associações de todo o país.

Em 2005 o desempenho dos investimentos superou as metas estabelecidas, alcançando 19,06%. A Petros realiza a gestão dos investimentos do Plano CULTURAPREV de acordo com as regras estabelecidas na legislação vigente e pelo Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC). Os recursos do Plano CULTURAPREV estão aplicados no FIC de Fundos de In-

vestimento Multimercado Petros Moderado. O objetivo da aplicação é obter a mesma rentabilidade da taxa de juros do mercado interbancário.

Ao aderir ao CulturaPREV, você tem à sua disposição um plano de previdência

Complementar com custos reduzidos e totalmente confiável.

Mais informações sobre o CulturaPREV, ligue para 0800 253545 ou Acesse o portal www.petros.com.br.

Tabela com a rentabilidade anual

Período	FIC Petros*	Poupança	CDI	Selic	IPCA
2000	17,77%	8,24%	17,32%	17,43%	5,97%
2001	17,51%	8,59%	17,27%	17,32%	7,66%
2002	19,38%	9,14%	19,11%	19,17%	12,51%
2003	24,32%	11,26%	23,26%	23,35%	9,30%
2004	16,39%	8,20%	16,17%	16,25%	7,60%
2005	19,06%	9,21%	19,00%	19,05%	5,69%

* Até março de 2005 os dados referem-se ao Fundo Madison; a partir de abril de 2005 os dados referem-se ao FIC de FIM Petros Moderado.

Lançamentos

CDs



Paulo Dantas de Almeida

Conheça o trabalho de Paulo Dantas de Almeida: um instrumental independente, intimista, jazzístico. Um jeito de compor e tocar brasileiro.

www.imusica.com.br/musicalmpb



Pop Soul

Charles Anjo

Charles Anjo chega ao seu segundo CD, "Pop Soul", onde encontramos todas as experiências acumuladas desse cantor e compositor de estilo variado, indo do pop ao jazz. O CD está à venda na sede do Sindicato e nas lojas de discos de Teresópolis.



Outono

Therezinha Aguiar

Este CD é a realização de um antigo projeto da cantora: Outono é um desfile de samba, bolero, marcha rancho, tango, rumba, valsa natalina e rock dos anos 60, todos compostos e interpretados por Therezinha Aguiar. Vale a pena conferir.



Happy Hour

Anselmo Mazzoni

Anselmo Mazzoni que já acompanhou Roberto Carlos, Elizeth Cardoso, entre tantos outros nomes da nossa MPB, apresenta o seu novo trabalho "Happy Hour", mesclando composições próprias e clássicos.

Num repertório eclético e charmoso, o CD tem apresentação de Luiz Carlos Miele, grande amigo e fã do trabalho de Mazzoni.



Flauta e Piano

Andréa Ernest Dias e Tomás Improta

O encontro de dois instrumentistas de percursos tão diversos e abrangentes só poderia resultar num disco de referências plurais e sonoridade singular. É o caso do álbum *Andréa Ernest Dias e Tomás Improta*, que registra a reunião musical da flautista, criada entre orquestras de câmara e rodas do choro, e o pianista, formado no jazz e na MPB. Álbum da dupla inclui compositores como Jobim, Villa-Lobos, Fauré e Cole Porter.

Livros



Catálogo de Partituras 2005 - Obras editoradas Fundação Museu da Imagem e do Som

O Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro coloca à disposição dos pesquisadores e do público em geral uma obra tão útil quanto oportuna à preservação da memória musical brasileira. Este catálogo condensa um trabalho minucioso que o corpo funcional do MIS executou, sob o patrocínio da Petrobrás, resultando na digitalização de vinte mil partituras, das quais cem foram objeto de editoração eletrônica.

Fonte: Fundação Museu da Imagem e do Som.

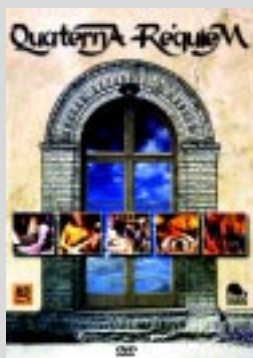


Cadeia Produtiva da Economia da Música

Luis Carlos Prestes

A edição de *Cadeia Produtiva da Economia da Música* cumpre o papel de levantar um grito de alerta uníssono e musical, um coro de vozes privilegiadas, ainda que angustiadas pelo abismo que resiste entre as potencialidades de nossa cultura musical e aquilo que conseguimos concretizar. O livro nos mostra que há caminhos a percorrer e que eles devem ser percorridos coletivamente.

DVD



Quaterna Réquiem

Comemorando os 15 anos de carreira, o grupo lança o DVD Quaterna Réquiem ao Vivo, primeiro DVD brasileiro de Rock Progressivo.

Criado em 1989, o quinteto formado por Elisa Wiermann (piano e sintetizadores), Kleber Vogel (violino), Roberto Crivano (guitarra e violão), Cláudio Dantas (bateria e percussão) e Jorge Mathias (baixo), mistura instrumentos eruditos como violino, flauta, oboé, alaúde, piano e cravo com instrumentos modernos como guitarra, baixo, sintetizadores e bateria.

Um momento mágico que comemora, com união de técnica, criatividade, emoção e maturidade, os 15 anos desta que é uma das mais conceituadas bandas de Rock Progressivo da atualidade.

Com uma discografia de quatro discos, a quaterna é constantemente matéria dos principais magazines do gênero na América, Europa e Japão. Novamente em estúdio, o grupo prepara seu próximo trabalho em CD "O Arquiteto", uma suíte em cinco partes inspiradas nos estilos de 5 arquitetos de séculos, países e estilos de época diferentes.

Maiores informações no site oficial da banda www.quaternarequiem.com